



INTELECTUAIS MEDIADORES: PRÁTICAS CULTURAIS E AÇÃO POLÍTICA

Edjaelson Pedro Silva¹

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. INTELECTUAIS MEDIADORES: Práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.489 p.

O estudo dos intelectuais tem ganhado evidência. "Trata-se de um novo interesse acadêmico por questões relacionadas à propriedade e à eficácia do uso de diferentes mídias e linguagens na comunicação de ideais aos mais variados públicos" (p.7). Ao lado de obras já consagradas sobre o tema, como, por exemplo, "Intelectuais à brasileira" (2001), a obra em tela visa contribuir ainda mais para a interpretação desses atores na construção do tecido social. As organizadoras da obra são: Ângela de Castro Gomes, que é doutora em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução. É professora titular aposentada de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense e é Professora Emérita do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, e Patrícia Santos Hansen, doutora em História Social pela universidade de

¹ Doutorando em Ciências da Religião no PPG-CR da Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP (2017). Mestre em Ciências da Religião pela mesma universidade (2016). Graduado em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco (2014). Graduado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (2008). Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Congregacional do Nordeste (2004). Atualmente é pastor efetivo da Igreja Evangélica Congregacional do Ibura. Tem experiência na área de ensino de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0552989061939390>. E-mail: e.petrossilva@gmail.com.

São Paulo. A obra tem como objetivo propor um novo significado do termo "intelectual", buscando evidenciar um conceito oposto àquele que popularmente se pode ter de intelectual como sendo alguém que cultiva de forma desinteressada a universalidade do espírito. O que busca, então, mostrar, é que o intelectual deve ser visto de forma mais ampla, isto é, como um ator de comunicação de ideias, direta ou indiretamente ligado a construção de uma ação política. O intelectual mediador é definido como um mero transmissor: "quer dizer, como alguém que conduz uma mensagem ou produto cultural de um lugar para o outro, sem nada acrescentar ou transformar criativamente. Esse sujeito, no mais das vezes, costuma ser visto como alguém que não agrega valor ao produto cultural em questão" (p.16). A obra, de 489 páginas, é dividida em 14 artigos, estes, divididos em três partes: a primeira parte "trajetórias e projetos", a segunda "lugares e mídia" e, por fim, a última "leituras e ressonâncias". Situado na primeira parte da obra, temos "a vulgarização científica nas obras de Louis Figuier e suas traduções no Brasil", capítulo escrito por Kaori Kodama, pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz na área de história e saúde. O objetivo do artigo é falar em primeiro lugar da obra de vulgarização, aqui entendida como disseminação, da obra de Louis Figuier, cientista que apesar de renomado em sua época, caiu em profundo esquecimento dado a escola científica que pertencia (p.42). Ainda assim, as traduções de sua obra tiveram grande impacto na divulgação do pensamento científico brasileiro no fim do século dezenove e começo do século vinte, fazendo dele, e dos demais cientistas, quase que heróis nacionais consagrados (p.61).

O segundo artigo, intitulado "A Livraria Garnier e a tradução e edição de livros para a infância (1890-1920)", escrito por Patrícia Tavares Raffaine, pós-doutoranda pela USP, percorre o caminho que o livro infantil traçou no fim do século dezenove e começo do século vinte. O acervo da livraria Garnier, em grande parte destinado ao uso escolar, tinha, contudo, uma parcela considerável destinada ao entretenimento. A figura a ser destacada aqui, é o do editor B. S. Garnier e seu sucessor H. Garnier que, com um tino para negócios, decidiu investir parte dos recursos de sua receita. Para a autora, eles "atuavam como mediadores culturais estratégicos, pois faziam a escolha do que deveria ser traduzido, quem traduziria e em que formato o livro apareceria" (p.89). Tendo o mesmo objeto, livraria e traduções, o terceiro artigo tem por título



“Aventuras e desventuras de uma autora e editora portuguesa: Ana de Castro Osório e suas viagens ao Brasil”, artigo da organizadora Angela de Castro Gomes, trata do livro “Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil” da intelectual portuguesa Ana de Castro Osório. Osório foi uma intelectual bastante atuante no cenário cultural português do início do século XX, sendo ela republicana e feminista. Com um cabedal de conhecimento profundo, Osório optou pela literatura infantil. O artigo mostra um pouco da vida dessa portuguesa e de sua contribuição na literatura infantil. O quarto artigo, “Mestres das primeiras letras como mediadores culturais: escolas rurais e usos da escrita em povoados indígenas do México no século XIX”, de autoria de Gabriela Pellegrino Soares, professora de história da USP, analisa o impacto do projeto de promoção do ministro da Educação, José Vasconcelos, entre os anos 1921 a 1924. O projeto, intitulado 'maestro rural', visava levar professores missionários aos mais afastados rincões do México, fazendo chegar, assim, a educação elementar. Fechando a primeira parte do livro, temos ainda “Orbelino Geraldês Ferreira e a 'escola ativa': tradição pedagógica e prescrição didática no Portugal de meados do século XX”, de Joaquim Pintassilgo, português, catedrático de Salamanca. O artigo busca apresentar o educador português salazarista e católico Orbelino Geraldês Ferreira, que buscou construir uma educação católica completa em tempos de ditadura portuguesa, mostrando que mesmo assim, sua influência se faz sentir até hoje.

A segunda parte da obra, começa com o artigo de Ana Paula Sampaio Caldeira, doutora pela FGV, que escreve “Ramiz Galvão e o projeto de uma biblioteca nacional”. O texto aborda dois elementos principais, o primeiro o próprio projeto da biblioteca nacional, capitaneado por Ramiz Galvão tendo como carro-chefe a publicação de Anais da Biblioteca Nacional e o segundo elemento, como Galvão atuou enfaticamente no trabalho de seleção, edição e divulgação de documentos para a escrita da história nacional, organizando projetos e mobilizando pessoas (p.209-210). A seguir temos “Circuitos da mediação intelectual no Brasil e na Argentina: literaturas nacionais e trocas culturais transnacionais”, de Eliana Dutra, professora na UFMG, o texto compara duas publicações que tinham como modelo a Revue des Deux Mondes, uma brasileira, a “Revista Brasileira” e outra argentina, a “La Biblioteca”, e que mesmo assim construíram seus próprios caminhos a partir de contextos sociais próprios.



Depois, temos um texto de Francisco Palomanes Martinho, intitulado “A Ordem Nova de Marcello Caetano: uma revista do integralismo lusitano da Primeira República portuguesa (1925-1926)” trazendo de volta o integralismo português. O autor, professor da USP, trabalha uma revista surgida pelo trabalho de jovens universitários, a maior parte deles da Universidade de Lisboa, denominada Nova Ordem. O artigo é uma radiografia de temas abordados pelo periódico a partir de seu editor Marcello Caetano. Mostra-se que a perda de espaço do catolicismo e a política integralista constituiriam uma constante na linha editorial. Giovane José da Silva, doutorando em história, traz, no artigo nove, a interessante saga de Jonathas Serrano, o título do artigo é “Universidade do Ar: Jonathas Serrano e a formação dos professores de história pátria pelas ondas do rádio”. Demonstrando como na década de 1940, imaginava-se com bastante entusiasmo todas as possibilidades do rádio como instrumento de formação de professores. Serrano, o idealizador do projeto moldou, conforme o autor, de certa forma, nossa narrativa de história até hoje (p. 323).

A terceira e última parte da obra inicia-se com o artigo “De Tibucuera a Floriano Cambará: as mediações de Erico Verissimo (1930 a 1960), a autora, Mara Cristina de Matos Rodrigues, da UFRGS, tem como objeto o escritor gaúcho Erico Verissimo, e como o mesmo se utilizou da literatura como forma de mediação cultural para intermediar os valores do passado e do presente, seguindo os passos de escritores modernos e enfrentando as dificuldades de uma modernização social à época que não superara a fragmentação cultural em regionalismos e localismos (p. 362). Em “Editoração, sociabilidades intelectuais e mediação cultural: a ação dos prefaciadores na publicação das obras completas de Rui Barbosa (1939-1949)” de Luciano Mendes de Faria Filho, da UFMG, tem como interesse o estudo dos prefaciadores das obras do jurista baiano, nesse caso os prefácios que são usados como mediadores culturais, gerando uma releitura de Rui Barbosa, demonstrando sua influência nos mais diversos campos do saber. A releitura de outro personagem de nossa história também é o objetivo do capítulo doze, “A defesa nacional de Olavo Bilac, entre o patriotismo cívico republicano dos anos 1910 e o autoritarismo militar dos anos 1960”, da organizadora Patrícia Santos Hasen, buscando demonstrar o escritor para além de suas poesias e como essa figura foi apropriada pelo regime autoritário, tendo eleito Bilac como Patrono Civil das Forças Armadas. O penúltimo artigo é de Giselle Martins



Venâncio, pesquisadora da UFF, e tem como tema “Prefigurações da paisagem historiográfica: revistas, coleções e mediação”, que trata dos periódicos surgidos dentro do mundo universitário na década de 1950. Por fim, a obra se encerra com um artigo de Libânia Nacif Xavier, intitulado “Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações”. A autora é da UFRJ, onde desenvolve pesquisas."

A obra, construída a partir da junção de artigos de diversos pesquisadores é uma excelente contribuição ao estudo dos intelectuais, vistos aqui de uma forma bastante inovadora sob a designação de mediadores culturais. Em alguns artigos essa mediação fica bem exposta, como o artigo sobre a formação dos professores através das ondas do rádio ou mesmo da busca do ministro português reformar a educação. O fato é que podemos, de saída, concordar com Fernando Catroga, que prefacia o livro, que Intelectuais Mediadores se filia a História Cultural e Política de forma bastante positiva.

